



NARRADORES INDÍGENAS: IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO

Rafael Antônio Bernabé Zengo (PIBIC/CNPq-UEM), Alice Áurea Penteado
Martha (Orientadora), e-mail: apmartha@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Letras/Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes; Literatura Brasileira.

Palavras-chave: Narrativa Indígena, Alteridade.

Resumo:

Este projeto parte de resultados obtidos em pesquisa preliminar, denominada *Palavra de Índio na literatura infanto-juvenil brasileira* (PIBIC/2008), que fez estudo panorâmico sobre a situação da imagem do índio na produção infanto-juvenil brasileira, levantou os autores indígenas contemporâneos e, com análise de catálogos e “sites” de editoras nacionais voltadas ao mercado infanto-juvenil, delimitou o *corpus* dessa produção, procurando apontar aspectos estéticos que possam promover a inserção dos elementos da cultura indígena na literatura para crianças e jovens, no quadro histórico da literatura brasileira, com força de mercado, inclusive.

Alicerçado em tais resultados, este projeto, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre elementos histórico-estéticos da narrativa de autoria indígena, promove um recorte na visão panorâmica sobre o assunto e propõe analisar modos de formar, relativos ao gênero, de que se valem dois autores indígenas – Daniel Munduruku e Yaguarê Yamã – cujas obras inserem-se na produção literária infanto-juvenil contemporânea. Os modos de construção da identidade indígena nas obras e autores selecionados são observados por meio de elementos fundamentais da estrutura narrativa, narrador/focalizador e personagens. A partir deles, procuramos estabelecer o grau de proximidade pretendido com os leitores e acompanhamos a instauração do processo de identificação entre jovens e os seres do mundo ficcional, que oferece aos receptores a possibilidade de refletir sobre sua condição e elaborar sua imagem enquanto seres no mundo.

Introdução

Desde que se tornaram subjugados ao homem europeu, os povos nativos das Américas passam por uma longa crise de identidade que perdura até os dias atuais: de senhores de suas culturas, crenças e governos, e sujeitos plenos de suas existências, foram rebaixados a animais selvagens e transformados em objetos pelos dominadores, que os passaram a tratar de acordo com sua ilusão de pressuposta supremacia. Segundo o sociólogo Fernando Alvarez-Uría, “A epopéia da América escreveu-se com sangue, lama, lágrimas, destruição de povos e culturas” (LAROSSA et. LARA, 1998,



p.97). Na literatura produzida durante todo esse período de dominação, aos povos ameríndios não foi concedida a chance de ter uma voz própria através da qual pudessem expressar suas convicções, sentimentos e, de modo geral, sua maneira própria de experienciar a existência enquanto entes participantes da jornada cósmica, sendo, ao contrário, sempre retratados através da voz do dominador, que o fazia a sua maneira e em conformidade com seus interesses. Exemplos disso são as conhecidas obras do século XIX e XX que buscam retratar o índio sob a ótica do homem branco, como *Iracema*, *Ubirajara*, e *O Guarani*, de José de Alencar, *As Aventuras de Tibicuera*, de Érico Veríssimo, entre tantas outras obras nas quais o elemento indígena figura como objeto da análise e julgamento estereotipados do homem de cultura européia ocidental.

Na passagem do milênio, observou-se uma virada neste quadro, com um crescente e significativo número de obras de autoria indígena no mercado editorial brasileiro, nas quais os povos nativos destas terras, além de divulgar suas culturas, crenças e conhecimentos, ainda demonstram clara preocupação com o resgate de suas identidades há muito ofuscadas. É neste contexto que se insere a presente pesquisa, que objetiva analisar os modos de que se valem os autores indígenas em suas obras no intuito de promover a paridade identitária nos tempos modernos, e, em uma esfera mais ampla, analisar criticamente os direcionamentos atuais desse processo ainda em curso: sua relevância, motivações e possíveis consequências.

Materiais e métodos

Revisão e análise da literatura produzida por dois autores indígenas de relevância na atualidade, Yaguarê Yamã e Daniel Munduruku, bem como da literatura teórica em que esta pesquisa se embasa, predominantemente obras de cunho sociológico, psicológico, antropológico e de teoria literária, que buscam apreender os modos pelos quais se constrói a identidade humana em grupos situados em um tempo-espço determinado, como os povos de origem européia e os povos de origem americana.

Resultados e Discussão

Constata-se nas obras analisadas uma preocupação constante, por parte dos autores indígenas, em afirmar suas identidades, num momento em que finalmente torna-se possível responder aos séculos de opressão e barbárie por que passaram. Esse posicionamento ideológico acontece sobremaneira através dos narradores e personagens em tais obras, que, afinal, mostram-se desdobramentos fictícios dos mesmos autores por trás da criação. Embora auto-afirmativas para com a identidade indígena, tais obras estão longe de cair no mesmo erro do dominador, que foi o de impor e sobrepor sua identidade, fagocitando a identidade oposta, numa conduta esfomeada, intolerante e autoritária. Antes, os autores indígenas buscam apenas aquilo



que por direito já lhes devia ter-se garantido desde muito antes: o direito à igualdade, ao reconhecimento e à coexistência pacífica.

Nas obras de ambos os autores Yaguarê Yamã e Daniel Munduruku repousa implicitamente sob os constituintes estruturais intrínsecos das narrativas - tais como os motivos e temas que impulsionam as tramas, a cadência dos eventos, a construção dos personagens e suas falas, contextos, conflitos, entre outros – o discurso que evidencia concernimentos de cunho identitário, seja auto-afirmando a identidade indígena, há séculos relegada a uma posição marginal, seja denunciando as condutas que podem desencadear processos de subjugamento ou aniquilação da diferença nas relações humanas, condutas estas ainda praticadas nos dias atuais principalmente pela cultura dominante em nosso país, ou seja, a cultura deixada pelos colonizadores europeus, que se caracteriza, em linhas gerais, pela supervalorização de indivíduos de cútis alva, que estejam inseridos no sistema mundial de produção e consumo, com fins de ascensão material e de patrimônio, e que sejam preferencialmente de religião cristã. É este ramo identitário que tem prevalecido ao longo do tempo através da articulação de meios de inferiorizar quaisquer outras manifestações culturais divergentes de si, e nisto obviamente se inclui a identidade indígena, motivo pelo qual os autores indígenas empregam esforços no sentido de minimizar o hábito corriqueiro, tão arraigado em nosso costume, de categorizar, atribuir valores e elencar, por ordem de suposta importância, manifestações culturais diversas – que, afinal, deveriam todas ter o mesmo valor, o mesmo reconhecimento, os mesmos direitos, a mesma aceitação, os mesmos privilégios e as mesmas garantias.

Os estudos teóricos sobre a atualidade, por fim, validam esse posicionamento identitário da parte dos autores indígenas ao reconhecê-los e situá-los no fluxo das identidades minoritárias que buscam seu reconhecimento na pós-modernidade, que se caracteriza sobretudo pela heterogeneidade, pela ruptura com valores tradicionais, pela fragmentação da experiência humana e o desapego ao particular e unificado. Segundo o sociólogo Stuart Hall (2005), “O processo de fragmentação das identidades produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa. A identidade torna-se uma celebração móvel”.

Os esforços dos autores indígenas inserem-se no segmento das identidades de resistência, ou seja, minorias que reivindicam seu reconhecimento frente ao hegemônico e combatem o movimento identitário aspirante à negação, exclusão e aniquilação da diversidade, pois, segundo o sociólogo Anthony Giddens, “O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso” (GIDDENS, 1991). Este perigo eminente da atualidade refere-se justamente ao caráter explosivo de certas condutas que empreendem esforços para não reconhecer e aceitar a diversidade, em uma manutenção eterna dos velhos apegos à tradição, ao poder instituído e à forma de cultura mais consolidada. Obras como as dos autores indígenas em questão representam certamente um avanço no sentido de não mais permitir e aceitar o massacre silencioso que promove a maioria.



Conclusões

O empenho dos autores indígenas em direção à igualdade entre as mais diversas identidades encontra-se ainda em curso; porém, a pedra fundamental já está lançada, e certamente trata-se de uma questão de tempo para que essa realização finalmente se torne visível e majoritária, uma vez que, conforme apontam estudos sobre a atualidade, já se pode notar a presença de um movimento social rumo ao universal, ao hegemônico e coletivo, deixando para trás os velhos apegos ao local, ao particular e à segregação.

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes: Alice Áurea Penteadó Martha, Universidade Estadual de Maringá, CNPq, Richard Alpert, Joseph Campbell, Timothy Leary, James Marshall Hendrix, Lima Barreto, Grant Lewi, Aluísio Azevedo, Celina Rosa Bernabé Ferreira e Marcos Rafael Zengo – pessoas e instituições sem cujo poder de incentivo e mensagem de força perante as adversidades da existência a realização desta pesquisa não teria sido possível.

Referências

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAROSSA, Jorge; LARA, Núria Perez de. *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MUNDURUKU, Daniel. *Parece que foi ontem*. São Paulo: Global, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. *Karú Tarú, o pequeno pajé*. Erechim, RS: Edelbra, 2009.

YAMÃ, Yaguarê. *Wirapurus e Muirakitãs: histórias mágicas dos amuletos amazônicos*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

YAMÃ, Yaguarê. *As pegadas do Kurupyra*. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2008.